

A REINVENÇÃO DE CURITIBA:

Pluralismo étnico e imagens de primeiro mundo

Maria Cecília Solheid da Costa*

"Luz forte, olhos imigrantes, na hora do desembarque. Alemães, italianos, poloneses, ucranianos, japoneses - gente do mundo todo. Luz que clareia uma cidade que é rua capaz de passar muitos países, e passa pelo Brasil inteiro dentro de si mesma. Bendita Curitiba, 300 anos luz. Na frente de outras cidades de seu tempo. Na frente das posturas ambientalmente corretas. Na frente das conquistas do urbanismo. Procurando sempre a justiça e a paz. Comemorar é conhecer." (Rafael Greca de Macedo, Prefeito de Curitiba¹)

Neste artigo pretendo indicar que, em tempos recentes, o resgate das origens estrangeiras e da composição multiétnica da população local é instrumental na sedimentação da imagem que associa Curitiba a uma cidade de Primeiro Mundo. Também que a **visibilidade** de grupos e de tradições étnicas diferentes no contexto das celebrações dos 300 anos da cidade expressa uma ideologia oficial da harmonia mas, ao mesmo tempo, implica reconstrução da identidade de curitibano e re-elaboração da imagem de cidade-modelo.

"Terra de Todas as Gentes"

Em 29 de março de 1993 foram comemorados os 300 anos de fundação de Curitiba. Objetivando um ordenamento das festividades, a Prefeitura Municipal elaborou um calendário oficial de eventos, que incluiu obras públicas a serem inauguradas ou iniciadas, cultos religiosos, espetáculos, feiras, exposições, desfiles e concursos sobre história local. Dentre as pro-

gramações agendadas, obteve destaque um projeto levado a efeito durante todo o ano de 1993 denominado *Curitiba, Terra de Todas as Gentes*. Este projeto efetiva-se, primeiramente, por fazer incluir na agenda dos 300 anos datas, festas e os mais diversos rituais já celebrados no interior de diferentes grupos étnicos. Data Nacional da Polônia, Festa do Vinho de Santa Felicidade (bairro gastronômico "italiano"), Páscoa dos Ucranianos e dos Poloneses, baile de aniversário de um clube alemão, são alguns dos eventos arrolados e que passam a fazer parte da agenda enquanto comemorações não exclusivamente dos grupos mas da cidade e de sua história. Neste plano, observa-se a inter-relação entre o projeto *Curitiba, Terra de Todas as Gentes* e o objetivo explicitado da administração local relativo às festividades: "Comemorar é conhecer".

Por outro lado, os órgãos da Prefeitura encarregados da elaboração dessa agenda mobilizam para participação conjunta nos momentos mais importantes dos acontecimentos os descendentes de imigrantes e

representantes de grupos étnicos e de suas divisões/facções internas - cristalizadas em diferentes associações, sejam comerciais, religiosas, recreativas e esportivas, de danças folclóricas ou mesmo corais étnicos. Assim, na data de 29 de março de 1993, pela manhã foi realizado "desfile cívico e étnico" no centro da cidade. Uma "Páscoa das Etnias" foi celebrada na "Rua da Páscoa". O baile do Clube Concórdia, intitulado "Curitiba, terra de todas as gentes", inaugura as programações. Uma feira gastronômica internacional, com barracas de comidas típicas de vários países e vendedores vestidos a caráter, é instalada ao lado da Catedral-Basilica. No centro histórico, espetáculo de som e luzes, com participação de diversos conjuntos de dança e corais, conta a história da cidade através das casas do Largo da Ordem. A exposição "Curitiba, Tempo e Caminhos" tem como destaque o tema da imigração como contraponto e reforço daquele da Curitiba moderna. O "Concerto de Curitiba" com José Carreras, reunindo mais de 50.000 pessoas, teria sido o ponto

alto das comemorações. Para a ocasião, foram recrutados participantes de grupos folclóricos para atuar como "lanterninhas". As diversas áreas da pláteia estavam coloridas pela presença de "japoneses", "portugueses", "suiços", "alemães", "poloneses" e outros, vestidos com trajes típicos.

Ao longo do ano 300, o projeto *Curitiba, Terra de Todas as Gentes* ocupou grande parte da Agenda oficial de eventos. A feira gastronômica foi sucessivamente transferida para outros locais da cidade, tornando-se um evento anual itinerante. O espetáculo de som e luzes foi re-encenado, fechando as festividades em 1994. Diversas atividades "étnicas" são incluídas no calendário de festas, assim como grupos folclóricos são mobilizados para atuar em diferentes cerimônias. Há o **resgate, seleção e reinvenção de certos símbolos que dão visibilidade e distinguem os grupos.**

Guardadas as diferenças entre a origem, o tamanho e a visibilidade anteriormente já conquistada, verifica-se, entretanto, recorrência nesse processo, que tem como símbolos-chaves as comidas, artesanato, roupas, cantos e danças típicas. Assim, em seu conjunto, as celebrações acabam por impor conotação "folclórica" aos grupos², cujo "exotismo" embeleza a paisagem urbana, dá vida e colore os diversos momentos das celebrações e projeta uma nova imagem da cidade: a Terra de Todas as Gentes.

A elaboração da Agenda está associada à ideologia hegemônica de um pluralismo cultural. Mas, também, há reivindicações de participação por parte de associações e comunidades, evidenciando processos de afirmação de identidades étnicas. Como ocupar espaços na agenda resulta em visibilidade social, qualquer inclusão depende quase sempre de iniciativa e capacidade de negociação dos grupos, assim como a exclusão e/ou omissão denota ausência de força política. Arena de competição, a elaboração da agenda torna-se índice da identificação dos grupos com a cidade.

Todos os rituais mais importantes dramatizaram a pluralidade étnica da população curitibana, consolidando a imagem de uma cidade receptiva às diferenças culturais. Importa acentuar que também assim se expressa uma nova forma de elaboração

das distinções étnicas, inscrita numa retórica da Harmonia.

A Cidade- Modelo

As celebrações dos 300 anos de fundação de Curitiba, embora concentradas na semana em torno desta data, estenderam-se ao longo de todo o ano. Na oportunidade, a Imprensa nacional salienta o vanguardismo da cidade, assim como a qualidade de vida de sua população. Referências explícitas são feitas à eficácia e à criatividade da administração local, às soluções encontradas para problemas ur-

Fotos: Amparo Rodriguez da Silva



banos: reordenação do espaço, sistema de transportes, reciclagem do lixo. Curitiba é a cidade do "planejamento urbano bem-sucedido", a "capital ecológica", a cidade brasileira "que deu certo", uma cidade "de Primeiro Mundo".

Construída ao longo de um processo cujo início remonta há 30 anos, e que supõe desdobramentos sucessivos associados aos diferentes atributos de identidade já mencionados, a imagem positiva de Curitiba sedimenta-se, sobretudo, através da "exportação" de técnicas e teorias para outras áreas urbanas no país e, até, no exterior. Curitiba é a **cidade-modelo**.

De outra perspectiva, a cristalização da diferença desta com outras metrópoles brasileiras têm sido apontada também como derivando das especificidades da colonização curitibana: uma população constituída, em sua maioria, por etnias européias. Como resultado observam-se altos padrões de educação formal, boa distribuição de renda, uma opção "civilizada" de vida urbana e uma resposta positiva ao planejamento. Estes fatores, associados ao "clima frio", configurariam o que Ferreira dos Santos³ denomina "brancura literal" da cidade "Brancura" que não é "brasileira" - antes resumiria a utopia nacional do branqueamento - e que, em sua re-elaboração e reforço, adquire novo significado, sinalizando características de Primeiro Mundo.

Não há como negar que, ao lado de outras cidades do sul do Brasil, Curitiba tem sua história ligada aos grandes movimentos migratórios no século XIX, à concentração maciça de europeus e à forte influência que estes exerceram na região⁴. Para além do projeto do governo brasileiro de constituição de uma nova classe social - o campesinato, há que considerar a direção dada por políticas locais de colonização. Interessado na fixação do imigrante e na superação de fracassos anteriores, o Presidente Lamemha Lins (1875-1877) cria um número elevado de *colônias*, dispondo-as em círculo e relativamente próximas ao núcleo urbano da capital. Dentre as muitas possibilidades de tal instalação, há que salientar a de uma cidade que se "projeta", imbricada em tais projetos. Uma cidade que se identifica com um desenvolvimento específico, com uma or-

denação de espaços, com um perfil e com valores particulares, associados ao contraste e à relação **cidade/colônia** que são, ao mesmo tempo, aqueles entre **nacional**(curitibano) e **estrangeiro**. Dominando as representações e propiciando orientações sobre o espaço, assinalando relações e hierarquias, estas oposições serão englobadas, ao longo do tempo, por posições sociais cada vez mais urbanas. Concretamente, englobadas no processo de desenvolvimento de Curitiba, cujos limites se expandem, transformando em *bairros* as áreas coloniais, integrando-as ao município e/ou região metropolitana. Mas também por força da mobilidade espacial - e, conseqüentemente, social - de descendentes de *colonos* em direção à cidade, que se dá em processo lento mas contínuo.

Assim, um mapeamento da cidade em termos da composição heterogênea da população local e das influências étnicas, até recentemente se apresentava como marcado pela referência e/ou como circunscrito às áreas coloniais originais. Dava-se destaque a um contingente de imigrantes cuja origem social e forma de assentamento fora predominantemente rural, guardando, por largo período de tempo, distância e/ou isolamento quanto aos curitibanos de "famílias tradicionais"⁵.

Por outro lado, tais representações descrevem uma relativa **invisibilidade** social e simbólica de diversos grupos de imigrantes estabelecidos originalmente no contexto urbano, e exercendo diferentes atividades como comerciantes, assalariados ou empresários industriais. Como resultado de processos de crescimento e renovação urbana e da integração das áreas coloniais no espaço da cidade, esta invisibilidade atinge também os grupos de descendentes de colonos nela radicados - algo que já ocorrera com aqueles anteriormente urbanizados. Neste quadro, as diferenças étnicas supostamente perdem sua importância e passam a ser englobadas em uma mesma categoria: *curitibanos*. A segregação no espaço, embora constitutiva da *identidade de curitibano*, de sua *identificação com a cidade*, e até, de sua história, não tem mais o sentido de classificar e localizar especificidades culturais singulares.

Portais, Parques e Praças: os Novos Territórios

Já nesta década de 1990 tem início um outro fenômeno, com a apropriação e o resgate das diferenças e das identidades étnicas dos grupos no contexto de outros discursos e de outras realizações. Estas inscrevem-se no quadro de novas políticas da municipalidade e de recentes orientações dadas ao planejamento urbano, materializadas sobretudo durante as comemorações dos 300 anos de Curitiba. E se efetivam com a construção de monumentos e portais, com a recuperação ou inauguração de praças e parques que abrigam memoriais da imigração. Tem início, portanto, a delimitação de novos territórios "étnicos" em diferentes áreas da cidade que implica modificação das diretrizes do planejamento urbano, num redesenhar da cidade e de sua imagem.

Estes espaços têm se multiplicado. De um lado, na direção de um mapeamento que garante visibilidade aos diversos grupos, pois passam a ser o *locus* privilegiado de exposições, eventos, festivais, cursos, etc. relativos aos países de origem dos imigrantes. De outro, num eixo de relações internacionais, e que resultam da gestão conjunta dos espaços pela Prefeitura, associações étnicas e corpos consulares. Conseqüentemente, isso põe a obrigatoriedade de alianças que acontecem num plano transnacional, objetivando reforçar a importância de cada grupo diante dos órgãos oficiais e diante da própria sociedade curitibana. Para tanto, membros das comunidades étnicas retomam e ritualizam relações com as culturas de origem.

De início expressando a multiplicidade étnica da população local, os espaços são apropriados seja numa suposta referência a áreas originais de ocupação por imigrantes, seja associados a planos de renovação urbana, mas passam assinalar - topográfica, simbólica e socialmente - relações e posições que não remetem necessariamente ao passado. Tentativas de manter vivos categorias e valores que expressam a presença de cada grupo na construção de Curitiba, terminam por, dramaticamente, produzir/reinventar novas formas de identidade social.

A atribuição de novos significados e a introdução de equipamentos em áreas diversas da cidade concretizam pontos de referência para os grupos étnicos e “em torno dos quais se aglutinam identidades”⁶, redescobre-se a diferença e (re)constróem-se fronteiras. Índícios de novas formas de insularidade, de enclaves étnicos, estes monumentos e logradouros constituem o entrelaçamento da evocação de tradições particulares com a idéia de modernidade na arquitetura e da identidade da cidade. Inscrevem no espaço direções atuais da história e relações que seriam “igualitárias” e democráticas, pois pautadas pela ideologia da harmonia.

Curitiba: Etni(-)cidade⁷

O projeto *Curitiba, Terra de Todas as Gentes* tivera inicialmente como eixo a idéia de “assimilação” dos imigrantes e seus descendentes à sociedade local. Apontar-se-ia para a “contribuição” dos mesmos na construção do “homem paranaense” e/ou “curitibano”. Essa idéia encontra respaldo em teorias de autores da década de 50⁸, que produziram interpretações sobre a importância, o lugar e a influência de cada um dos grupos na cidade. Localmente “consagradas”, tais teorias assumem um caráter ideológico ao explicar formas de “integração” sem dar conta das mudanças resultantes de processos históricos específicos, de tal forma que mito e história se confundem.

Este eixo “Histórico”, que fazia referência seletiva a alguns grupos - como de alemães, italianos, ucranianos, poloneses - e os hierarquizava segundo valores etnocêntricos e políticos que mapeavam tais “contribuições” (por exemplo: afirmava-se a “superioridade” dos alemães sobre os demais), sedimenta uma oposição básica entre imigrantes “europeus” e outros povos. Ainda que paradigmática, a perspectiva “histórica” foi aos poucos sendo substituída e/ou englobada pela ênfase à presença multiplicada de grupos no cenário da cidade. Ou seja, agora trata-se de redimensionar o papel e o lugar de cada grupo e de todos em seu conjunto na construção e legitimação da imagem que se quer projetar de uma cidade moderna, de “Primeiro Mundo”.

Consequentemente, configurou-se uma

arena de re-elaboração de histórias particulares e da trajetória dos grupos a partir do resgate da memória de seus membros e da atuação efetiva nas celebrações e na política administrativa da cidade. Foram organizadas memórias de imigração, produzidas publicações, filmes, vídeos; coletaram-se objetos para compor exposições; realizaram-se concursos para construção de portais, etc. Observa-se a emergência/visibilidade de diferentes grupos - tais como de japoneses, suíços, holandeses, espanhóis, sírio-libaneses, gregos e, paradoxalmente (por não levar em conta a história do povoamento), os próprios portugueses. Visibilidade relativa a processos de afirmação de identidades étnicas e à politização da etnicidade no cotidiano. Também, à capacidade de responder a demandas exógenas para que se identifiquem etnicamente, na ação coletiva relacional, contrastiva.⁹ A este quadro subjaz uma ideologia pluralista baseada na afirmação da convivência harmônica de grupos étnicos e no respeito por suas diferenças culturais. Ocorre, também, a apropriação, por parte da administração local, da diversidade cultural existente enquanto parte constitutiva da (re)invenção da identidade da própria cidade e de sua singularidade com relação a outras metrópoles brasileiras.

A retórica oficial de idealização da harmonia perpassa diferentes segmentos da população, e é veiculada nos meios de comunicação, vindo a se apresentar supostamente como hegemônica. Entretanto, a distinção dos grupos, englobada nesta ideologia, ordena, em última instância, uma atualização de outras hierarquizações, relativas ao momento atual. É quando alguns grupos étnicos se salientam e tomam a frente dos outros na elaboração da agenda, durante os rituais e, ainda, na delimitação de territórios. Há que reconhecer um potencial de conflitos que se manifesta sobretudo numa disputa (pacífica) por recursos simbólicos e pela **visibilidade** no cenário urbano, ao mesmo tempo que se empenham em demarcar suas fronteiras culturais, em muita medida aqui resgatadas de relativo esquecimento.

Diante de políticas que são seletivas, embora refletindo tendências positivas na avaliação dos grupos, prevalece o destaque

atribuído a grupos étnicos de origem europeia, índice da “brancura” da população local. É quando a questão étnica vem a sobrepujar e subsumir as diferenças de classe e de cor. Mas também reifica a oposição entre membros de grupos étnicos e os “curitibanos de famílias tradicionais”, que não podem evocar tal ancestralidade e que se afirmam aliados das celebrações dos 300 anos.

Neste contexto, que implica conjugação e visibilidade de diferentes etnias, atualizam-se relações que reinventam a tradição e a modernidade, o local e o universal. Estamos, portanto, diante da reinvenção do fenômeno étnico em Curitiba. Da (re)construção de identidade da população ancorada na busca de suas origens imigrantes (e aqui se trata da imigração estrangeira, com exclusão de menções à migração interna) e da **ênfase na imagem de uma cidade onde se atualiza uma concepção pluralista das diferenças étnico-culturais**. Mas também diante do resgate da memória e das distinções étnicas em torno de símbolos, territórios, visibilidade social e reinvenção de fronteiras.

* *Maria Cecília Solheid da Costa é Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS/Museu Nacional/UFRJ. Pesquisadora do CNPq.*

NOTAS

- 1) Do discurso proferido por ocasião da abertura das festividades do tricentenário de fundação de Curitiba.
- 2) Ver, a respeito, Seyferth, Giralda “Considerações sobre a (re)construção de Identidades étnicas” Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 1994 (mimeo).
- 3) Ferreira dos Santos, Carlos Nelson. “Para cada forma de dominação a utopia que merece” in *Arquitetura Revista* 3, FAU/UFRJ, v.3, 1985/86.
- 4) Ver, a respeito, Seyferth, Giralda. *Imigração e Cultura no Brasil*, Brasília, Editora da UnB, 1990.
- 5) “Curitibanos”, de “famílias conhecidas”, são categorias nativas que delimitam o universo de camadas médias e da elite local, quase sempre associadas a descendentes de fundadores ou habitantes da cidade em períodos que antecedem à imigração estrangeira.
- 6) Oliven, Ruben George. *A Parte e o Todo, a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis, Vozes, 1993:23.
- 7) Para uma explicação do termo ver Costa, Maria Cecília S. & Feldman-Bianco, Bela. *Etni(-)cidade: estudo antropológico de grupos étnicos em Curitiba*. Projeto Integrado de Pesquisa, CNPq, 1993.
- 8) Como Martins, Wilson. *Um Brasil Diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1989 (2ª ed.); Linhares, Themistocles. *Paraná vivo: sua vida, sua gente, sua cultura*. Rio de Janeiro/Brasília, José Olympio/INL, 1958 (2ª ed.). Livros, aliás, reeditados e distribuídos nas escolas municipais por ocasião do tricentenário.
- 9) Cf. Oliven, Ruben George, op. cit.